

A HISTÓRIA DA INFÂNCIA RETRATADA À PARTIR DA MÍDIA

THE HISTORY OF CHILDHOOD RETRACTED FROM THE MEDIA

¹OLIVEIRA, F.S.; ²RIZZI, L.M.

¹² Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

A concepção de infância tida hoje nem sempre foi à mesma. Desde os primórdios percebe-se uma dificuldade em diferenciar as categorias etárias, devido à falta de critérios suficientes. A mídia intervém desde a criação da prensa tipográfica, que dividiu o mundo entre os que lêem (adultos), e os que não lêem (crianças). A partir de então, a mídia vem ditando a concepção de infância e contribuindo para o desaparecimento da mesma. Cada vez mais crianças se comportam, vestem e falam como os mais velhos. Percebe-se um retorno à Idade Média, onde as crianças eram consideradas miniaturas imperfeitas dos adultos. As mídias apresentam uma infinidade de informações todos os dias, e a criança têm livre acesso a este conteúdo, sendo facilmente influenciada. Este trabalho terá como proposta revisar historicamente a construção do conceito de infância, como as mídias exercem sua influência, e como a psicanálise explica os mecanismos utilizados para que isso ocorra. Para isto, foram utilizadas as obras de Neil Postman, Todd Gitlin, Sigmund Freud, Raquel Soifer e Phillippe Àries.

Palavras Chaves: Infância, Mídia, Psicanálise, influência.

ABSTRACT

The conception of childhood taken today was not always the same. Since the early days one sees a difficulty in differentiating between the age categories due to lack of sufficient criteria. The media involved with the creation of the printing press, which divides the world between those who read (adults), and those who do not read (children). Since then, the media is dictating the design of children and contributing to the demise of it. Increasingly, children behave, dress and speak as their elders. It can be seen a return to the Middle Ages, where children were considered miniature adults imperfect. The media have a wealth of information every day, and children have free access to this content, and easily influenced. This work will review historically the proposed construction of the concept of childhood, such as the media exert their influence, and how psychoanalysis explain the mechanisms used to make this happen. For this, we used the works of Neil Postman, Todd Gitlin, Sigmund Freud, Raquel Soifer and Philippe Àries.

Keywords: Children, Media, Psychoanalysis, Influence.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem início com um breve histórico sobre a infância, como surgiu como sentimento, e a visão tida nos dias atuais.

São muitos os especialistas interessados neste assunto, pois segundo McLuhan (*apud* POSTMAN, 1999, p. 19) “quando um artefato social fica obsoleto se transforma num objeto de nostalgia e contemplação”. Ainda de acordo com o autor,

a história de um acontecimento só pode ser mais bem contada quando o mesmo já foi encerrado, ou está em declínio. Com o material disponível hoje em dia sobre o assunto, há base para analisar o como e o porque a idéia de infância foi concebida e levantar hipóteses sobre seu desaparecimento.

Nos dias de hoje, pode-se observar que as crianças vêm apresentando comportamentos e atitudes semelhantes a dos adultos. As agendas dos pequenos vivem lotadas de compromissos, cursos e por outro lado, se mostram pobres em tempo para descansar e brincar, o que é fundamental para o desenvolvimento infantil. Os meios de comunicação, dentre eles a TV, a *Internet*, a imprensa, etc., se faz presente na vida das crianças. Há pais que crêem que a criança tendo acesso às mídias, mais cedo estarão preparadas para o mundo. Porém, estas apresentam uma alta carga de informações, em grande parte eróticas, o que pode causar um descompasso entre o amadurecimento físico e psicológico.

A televisão tem fácil acessibilidade e não tem meias palavras, com isso, a criança fica passível a todo tipo de informação, boa ou má. Cada vez mais assuntos tidos como tabus vêm sendo abordados nas mídias, e para compreendê-los, não é necessário grande conhecimento.

A organização do trabalho visa explorar como a infância surgiu e como decorreu a partir da invenção da prensa tipográfica (precursora da mídia, e introdutora da idéia de infância). Será analisado como as mídias continuam exercendo sua colaboração para a imagem, a idéia de infância. Por último, e mais importante, buscará compreender como essa evolução midiática vem colaborando para o desaparecimento da infância.

HISTÓRICO SOCIAL DA FAMÍLIA

De acordo com Postman (1999), estudioso da influência das tecnologias no desaparecimento da infância, os gregos deram o primeiro passo na concepção da idéia desta (infância). Porém, eles dispensavam pouca atenção a esta quanto categoria etária. A palavra que utilizavam para designar crianças e jovens praticamente abrangia qualquer pessoa, independentemente da idade. Prezavam a educação, tanto que inventaram a escola. Nas palavras de Postman (1999, p. 21) “onde quer que haja escolas, há consciência, em algum nível, das peculiaridades dos jovens”.

Já os romanos, deixam claro através de suas obras artísticas, uma maior atenção e contemplação a este período de desenvolvimento humano. Esta expressão através da arte só retornaria na época do Renascimento. Foram eles também que introduziram a noção de vergonha. A infância devia ser protegida do mundo adulto, especialmente no que diz respeito às questões sexuais.

Com o tempo, segundo o autor, se extinguiram da história da infância, sem alguma explicação palpável, a capacidade de ler e escrever, a educação, a vergonha e conseqüentemente, a infância.

Com a perda da leitura e da escrita, a comunicação voltou a ser obrigatoriamente oral. As interações sociais se realizavam somente pessoalmente.

Àries (1981), historiador, pesquisador francês, estudioso da história da infância, em sua obra “História social da criança e da família”, discute sobre o fato de que na sociedade medieval a infância era inexistente, o que corresponde que não se distinguia a criança do adulto.

Nessa época, o índice de mortalidade infantil era alto, então as crianças pequenas nem eram consideradas, pois a qualquer momento poderiam não mais existir e até por isso mesmo, os pais não se apegavam às crianças. Logo que saíam desse período, já eram incorporadas à sociedade adulta, usando as mesmas vestes, participando das mesmas reuniões.

Com o decorrer do tempo, as crianças passaram a servir de fonte de distração e relaxamento para os adultos. Esse sentimento para com a infância chamou-se *paparicação*.

Um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de “*paparicação*”. Originalmente, esse sentimento pertencera às mulheres, encarregadas de cuidar das crianças – mães ou amas. (ÀRIES, 1981, p. 100)

Juntamente com a *paparicação*, notou-se o sentimento de exasperação, onde não era de bom grado as crianças juntarem-se aos adultos. A atenção dispensada à criança era insuportável aos olhos dos que possuíam tal sentimento. Montaigne (ÀRIES, 1981, p. 101), possuía certa hostilidade a *paparicação*.

Não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem as crianças recém-nascidas, que não têm ainda nem movimento na alma, nem

forma reconhecível no corpo pela qual se possam tornar amáveis, e nunca permiti de boa vontade que elas fossem alimentadas na minha frente.

Ambos sentimentos eram novos à população medieval, assim como a presença de crianças (vistas como tais, e não como adultos).

A permanência de crianças em meio aos adultos já não era permitida. Muito menos à mesa, pois segundo Àries (1981) essa mistura permitia que as crianças fossem mimadas, tornando-se assim, mal-educadas.

No que diz respeito à sexualidade infantil nesta época, o autor descreve a situação, em que Heroard, médico de Henrique IV, anotava os fatos da vida do pequeno Luis XIII, analisando-o desde sua infância. Ele descreve tudo o que era feito publicamente. Brincadeiras com atos indecentes, grosserias, tudo era tratado com naturalidade no final do século XVI e início do XVII. Nota-se que tais atos não eram restritos às classes inferiores, mas eram realizados também pela realeza, o que salienta a naturalidade dos mesmos.

Na Inglaterra, quando as crianças completavam sete anos, eram mandadas para casa de outras pessoas, para fazerem serviços domésticos. Eram chamados aprendizes e permaneciam nessas casas por volta de sete a nove anos. Era feito um intercâmbio, onde as famílias mandavam e recebiam crianças em suas casas. Os ingleses explicavam esse costume como uma forma para as crianças aprenderem boas maneiras. Segundo Àries (1981, p. 156), “o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação”. Era através do serviço doméstico que os mais velhos passavam seus conhecimentos, experiências, valores a uma criança que não a sua.

A entrada no mundo adulto aos sete anos dava-se também segundo Postman (1999), pelo motivo de que é nesta idade em que a criança é capaz de estabelecer uma linguagem, de compreender e ser compreendida através desta. Ainda segundo o autor, até mesmo a Igreja Católica denominou esta idade como “a Idade da Razão”.

Ainda nessa época, não se acreditava que a inocência realmente existisse. Contudo, essa opinião passou pouco a pouco a não ser geral. Educadores e moralistas inovadores fizeram triunfar as idéias tidas hoje em dia.

No século XV, Gerson (1981 *apud* ÀRIES), considerado o criador das idéias moralistas, estudou o comportamento sexual das crianças, com o objetivo de ajudar os confessores a despertarem nas mesmas o sentimento de culpa. Ele tinha em

mente, que a masturbação e a ereção eram práticas corriqueiras e generalizadas. Era para ele ainda, um assunto muito sério. Se houvesse masturbação mesmo sem ejaculação, era considerada que a virgindade da criança havia sido retirada.

No século XVI, a mudança foi mais nítida. Os educadores passaram a não mais utilizarem livros duvidosos na educação infantil. É a partir de então que surge o respeito pela infância. De acordo com Àries (1981), não se tratavam mais de moralistas isolados, mas sim de um grande movimento. Impôs-se daí, a noção de inocência infantil. Surge também a comparação da criança aos anjos. Se não fosse por esses moralistas, as crianças teriam continuado servindo apenas de fonte de distração, sendo negada a preocupação adulta com a educação e moralidade.

Havia escolas nessa época, porém o objetivo principal destas não era a educação infantil, mas sim, a educação voltada para o ensino técnico, mais precisamente, para a instrução de clérigos, independente da idade. Não se tinha uma idade certa para freqüentar a escola, iriam quando possível. De acordo com Àries (1981, p. 124), os jesuítas, os oratorianos e os jansenistas que trouxeram o “sentido da particularidade infantil, o conhecimento da psicologia infantil e a preocupação com um método adaptado a essa psicologia”.

De acordo com o autor, no século XVII começou a se falar na fragilidade e na debilidade da infância. Antes, esta era desprezada e considerada como uma fase de transição, sem importância alguma.

Postman (1999) afirma que a infância é inventada pela sociedade, não sendo uma necessidade biológica, mas sim um artefato social. Freud, Erik Erikson e Jean Piaget têm opinião contrária, sendo que os estágios observáveis do desenvolvimento infantil são determinados por fatores biológicos.

Em 1909, Freud publica “Análise de uma fobia de um menino de cinco anos”, a primeira intervenção psicanalítica infantil. A mesma foi realizada pelo pai de Hans, que também era médico, e supervisionado por Freud. Este caso prova a hipótese de Freud sobre a existência da sexualidade infantil. O discurso do menino sobre questões sexuais demonstrou que este se encontrava extremamente preocupado pelos diversos enigmas da sexualidade.

Hoje em dia os noticiários deixam claro o aumento das crianças envolvidas em crimes de adultos. Segundo Postman (1999), a brutalidade dos crimes cometidos por crianças, e o modo como estão sendo julgados, tem diversas causas, porém, o mais relevante é o conceito de infância estar desaparecendo. As crianças imitam a

atividade criminal adulta. Elas também são vítimas de violência. Pode-se dizer, segundo o autor, que isto ocorre por motivo de que são pequenas, e por isso não tem como se defenderem, ou justamente pelo contrário, por não serem percebidas e reconhecidas como crianças. Esta concepção remonta à do século XIV, onde as crianças eram consideradas adultos em miniatura.

Além da atividade criminal, existem outros fatores que comprovam a veemência deste conceito, como por exemplo, o nível crescente de atividade sexual entre as crianças. As mídias auxiliaram a igualar a sexualidade infantil à adulta. Segundo Postman (1999 p. 151):

A televisão, em particular, não só mantém toda a população num grande estado de excitação sexual como também sublinha uma espécie de igualitarismo do desempenho sexual; de obscuro e profundo mistério adulto o sexo é transformado em produto disponível para todos – digamos, como um anti-séptico bucal ou desodorante para axilas.

Conseqüência disso, nota-se um aumento nos índices de adolescentes grávidas e acometidas por doenças venéreas.

As restrições a respeito de atividades sexuais antes eficazes, hoje não surtem mais efeitos, tendo em vista que a sociedade atual não faz distinção entre infância e idade adulta.

Outros aspectos importantes, que remontam à Idade Média são as vestimentas infantis atuais, que muitas vezes lembram e até mesmo são idênticas às dos adultos, o que de certa forma incita a uma sexualidade precoce. De acordo com postman (1999), a indústria de roupas sofreu mudanças, e para fins práticos, igualaram as roupas infantis às demais.

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA

A mídia entra como precursora da idéia de infância, quando em meados do século XV, com a invenção da prensa tipográfica, por Johann Gensfleisch Gutenberg, cria-se um novo ambiente informacional. Esse acontecimento, segundo Postman (1999) trouxe uma nova definição de idade adulta, e conseqüentemente, de infância, baseada na competência ou incompetência de leitura. A sociedade foi dividida entre os que sabiam ler (adultos) e os que não sabiam (crianças). Este fato o autor denominou como “Lacuna do Conhecimento”.

Essa mudança exigiu dos então “adultos” uma nova concepção de vida adulta.

Com a invenção da prensa tipográfica, houve a queda da intimidade e da tradição oral. Criou-se então um sistema impessoal. Postman (1999) afirma que a leitura é por si só um ato anti-social, pois tanto o autor quanto o leitor necessitam da ausência ou pelo menos do silêncio para que sua atividade seja realizada com sucesso, clamando assim, por um certo individualismo. Segundo Postman (1999, p. 41), “Isto não quer dizer que o individualismo foi criado pela prensa tipográfica, e sim que o individualismo se tornou uma condição psicológica normal aceitável.”

A partir deste acontecimento (invenção da prensa tipográfica), a criança passou a receber cada vez mais atenção e respeito, e suas necessidades foram levadas em consideração. As crianças foram separadas dos adultos, pois segundo Postman (1999), passou a ser fundamental que elas aprendessem a ler e escrever, para que assim fizessem parte de sua cultura. O aprendizado da escrita e da leitura era segundo o autor, de acordo com as necessidades e desejos que a criança tinha, para que com estes novos conhecimentos fossem úteis para os negócios familiares e para a vida religiosa.

Na virada do século XIX para XX, a infância chegou a ser considerada um direito de todo indivíduo.

Soifer (1991) traz à tona os aspectos positivos e negativos da televisão, meio de comunicação de maior abrangência popular. Com a invenção desta, acreditava-se que havia sido alcançada a universalização da cultura, a aproximação entre os povos, a intercomunicação. Porém, este veículo de comunicação foi deturpado em nome de benefícios comerciais.

Verificou-se também uma diminuição da atenção que cada membro da família dispensa para o outro. As crianças são convidadas passivas a esta atividade, e o problema está nos conteúdos apresentados, muitas vezes impróprios para a faixa etária.

Muitas vezes as crianças são pegas tentando imitar seus super-heróis favoritos, tentando voar, ou subir pelas paredes, atos imprudentes e perigosos. Com isso, percebe-se o incentivo ao estado de onipotência e narcisismo infantil. Este pode ser explicado como o amor a si próprio, o egoísmo e a possessividade. Os mecanismos utilizados pelo narcisismo são de identificação projetiva, a idealização, a mania, a onipotência e é sustentada pelo pensamento lógico.

Atendo-se no conceito de identificação projetiva, que foi introduzido por Melanie Klein, psicanalista austríaca, estudiosa da infância, em 1952, como uma nota acrescentada ao artigo sobre os mecanismos esquizóides, pode-se descrever como:

A identificação projetiva constitui o primeiro mecanismo que aparece após o nascimento. Consiste na projeção de partes de nós mesmos sobre o outro, razão pela qual o outro é visto como idêntico à nós, ao mesmo tempo em que vivemos como nossos determinados aspectos do outro (Soifer, 1991, p. 17)

Segundo o Dicionário Internacional de Psicanálise (s/d), na posição esquizo-paranóide, de acordo com Klein, o Eu expulsa as experiências não toleradas ao cindir-se e projeta essas partes aos objetos exteriores. A partir de então, os objetos são identificados como partes ruins da própria pessoa. Hoje em dia, o conceito de identificação projetiva é utilizado de diversas formas, para diferentes tipos de fantasias.

A identificação projetiva pode ainda ser utilizada como uma forma de comunicação não-simbólica, transmitindo diretamente a experiência de uma pessoa para outra, assim como se observa em terapia, onde o paciente faz o terapeuta “sentir na pele” suas experiências.

Outra forma de aplicar o conceito, é a empatia. Ainda de acordo com o Dicionário Internacional de Psicanálise (s/d), essa se dá quando o Eu não tem recurso à clivagem, e então, o sujeito vê-se em outra pessoa. Essa é uma forma benigna de identificação projetiva. Esta é a forma mais indicada para se entender os efeitos das mídias sobre o psiquismo infantil.

Simplificando o conceito, a identificação projetiva permite que uma pessoa sinta o mesmo que outra, que se coloque no lugar de quem está passando pela situação, como no caso, os espectadores sentem-se, imaginam-se nas mesmas situações que atores, jornalistas, apresentadores, etc.

Antigamente, quando uma pessoa quisesse obter alguma informação, teria que primeiramente saber ler, depois, encontrar alguma obra que falasse sobre o assunto desejado, e posteriormente, ler e se interar sobre o assunto de fato, ato que demanda tempo, trabalho e capacidade. Já nos dias atuais, Postman (1999, p. 98) afirma:

A televisão, em contrapartida, é uma tecnologia com entrada franca, para a qual não há restrições físicas, econômicas, cognitivas ou imaginativas. [...]. A televisão, neste sentido, é o perfeito meio de comunicação igualitário, ultrapassando a própria linguagem oral.

Segundo Soifer (1991) A televisão exige do espectador uma grande atenção visual e auditiva. Esse grau de atenção encobre estímulos recebidos por outros sentidos, inclusive os proprioceptivos, ou seja, os orgânicos. Isto acontece devido ao mecanismo de identificação projetiva. A identificação projetiva causa uma variedade de sensações, que leva a um fenômeno chamado catarse, que em grego significa “dar vazão às emoções reprimidas”. Soifer (1991, p. 13) compara o espetáculo televisivo com os sonhos, “pois constituem um veículo para a descarga de tensões inconscientes, com o qual se obtém o correspondente alívio psíquico.” Com as atrações televisivas, a catarse libera principalmente os conteúdos pré – conscientes, que sofrem menos os efeitos da repressão. Segundo a autora, a criança tem uma forma mais efetiva de catarse, que é o brincar. A autora afirma que o brincar é um intermediário entre a fantasia e a realidade. Na brincadeira a criança entra em contato com a fantasia, porém adicionando componentes de realidade. Enquanto brinca, ela desenvolve ainda várias funções intelectuais, como atenção, concentração, memória, criação e recriação. Desenvolve também, a capacidade lógica, onde a criança começa a perceber a relação de causa e efeito, a se indagar, e aceitar o erro.

A brincadeira é também uma forma de comunicação, pois a partir dela, a criança comunica suas fantasias e pensamentos.

Segundo Soifer (1991, p. 22), a brincadeira:

É portanto, essencial para o desenvolvimento intelectual da criança, a tal ponto, de que uma criança que não brinca terá limitada sua potencialidade mental quando adulta, ou será, como ocorre muitas vezes, um doente mental.

Elkind (2004) acredita que o homem utiliza a televisão para descobrir quem é. A criança não foge desta concepção. Ela se espelha nas crianças das mídias para agir. Ainda segundo o autor, as crianças da televisão têm um traço em comum: a precocidade, que tende a igualar cada vez mais as crianças aos adultos.

CONCLUSÃO

Postman (1999) reflete se uma cultura pode preservar seus valores, sendo que seu destino é controlado pela autoridade da tecnologia moderna. Ele deixa bem claro que esta é uma questão em aberto, e que vem sendo discutida por vários teóricos. O autor crê que a infância seja vítima da tecnologia, e que a comunicação via eletricidade – mais rápida e eficiente – seja a causadora da destruição do ambiente informacional que cria e nutre a infância. Perdendo o controle sobre o ambiente informacional das crianças, os pais perdem também a autoridade, e a confiança em sua capacidade para criar os filhos, pois, segundo o autor, eles acreditam que as informações e aptidões que tem para tal são insuficientes, ou não confiáveis.

As crianças têm acesso muitas vezes a conteúdos impróprios para sua idade, e que acabam por prejudicar seu desenvolvimento, se houver uma exposição excessiva. Os prejuízos são notados na parte cognitiva, como dificuldades para ler, escrever e fazer contas, como também afeta o psicológico infantil, sendo demonstrado, por exemplo, através de fobias, terrores noturnos, enurese, e da falta de controle sobre a micção.

Decorrente disso, os pais perdem cada vez mais a relação de intimidade, dependência e lealdade que estabelecem com os filhos. A infância vem se tornando um fardo na vida familiar, desejando-se que a mesma acabe tão logo o possível.

Soifer (1991) alerta sobre as conseqüências do uso indiscriminado da televisão. Segundo a autora, crianças pequenas não deveriam ser expostas a tal atividade antes que completassem cinco anos, tendo em vista que a mesma desorganiza a mente dessas crianças. Ela faz ainda, uma solicitação para que as programações e comerciais desprezem os conteúdos que envolvem atitudes ilícitas, corruptas, violentas e com conteúdos eróticos, e que os mesmos sejam substituídos por informações úteis. Os programas voltados ao público infantil deveriam ter seu conteúdo voltado ao cunho educativo e informativo, o que seria mais adequado a tal público, de acordo com o desenvolvimento característico dessa etapa da vida.

REFERÊNCIAS

ÀRIES, P. **História Social da Criança e da Família**, Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981

Dicionário Internacional de Psicanálise, Ed. Imago, s/d.

ELKIND, D., **Sem tempo para se criança**, a infância estressada. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GITLIN, T. **Mídia Sem Limites**, Rio de Janeiro : Ed Civilização Brasileira, 2003

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**.. Rio de Janeiro: Graphia Editorial 1999

SOIFER, R., **A criança e a tv**, Porto Alegre: Artmed, 1991